

EDITORIAL

Volume 12, Número 1 de 2022

Por um Turismo com ênfase nas questões sociais

Maria Amália Silva Alves de Oliveira

Doutora em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail: m_amali@hotmail.com

No Editorial do número dois do ano dois mil e vinte e um da Revista Iberoamericana de Turismo, Fernando Magalhães discorreu sobre os grandes desafios do Turismo no século XXI, detendo-se em sua reflexão sobre as possibilidades deste fenômeno no contexto da pré à pós-pandemia. Destacando que a tragédia sanitária atingiu de forma avassaladora a todo o mundo, Magalhães sinalizou sua expectativa acerca da contribuição do turismo para a aproximação dos povos. Concordando com Fernando Magalhães no que tange ao fato do “o turismo, seja ele de que tipo for, proporciona, antes de mais uma oportunidade única de aprendizagens e de enriquecimento social e cultural” (p.04) agrego a essa reflexão o debate sobre a função social do Turismo.

O conjunto de aspectos que particulariza o fenômeno social sob a denominação Turismo, encaixa-se na perspectiva de Marcel Mauss (2003), pois pode ser percebido como um fato social total em decorrência de suas implicações em toda a sociedade. A complexidade do fenômeno impõe-lhe a particularidade de limitação a uma conceituação única, revelando seu caráter polissêmico. Nessa linha de entendimento, Pereira e Fernandes (2018) sinalizam que o turismo “é uma atividade humana complexa, multifacetada e multidimensional, não exclusivamente um negócio, atividade industrial,

marketing ou gestão de produtos”. A condição de “fato social total” coloca o turismo em lugar privilegiado no fornecimento de elementos para explicação da vida social.

Enquanto fato social total, a categoria Turismo, vem sendo ressignificada e sua trajetória elucidada como os grupos sociais conceberam e classificaram esta forma de deslocamento a partir do capitalismo moderno. Recuando ao período entre as décadas de mil novecentos e sessenta e mil novecentos e setenta, o vemos orientado pelo discurso economicista e notadamente marcado pela utilização desenfreada dos então denominados recursos naturais e culturais. Denominações que no âmbito econômico, classificam os meios materiais ou imateriais utilizados na produção de bens e serviços com o objetivo de satisfação de necessidades. Em tal visão, predomina a concepção de natureza e cultura enquanto mercadoria. Soma-se a esse entendimento do turismo, a narrativa envolvendo a promessa de geração de emprego e renda que beneficiaria os países então classificados com em “desenvolvimento”. O Turismo assim percebido, revela uma fase de sua trajetória aqui nomeada como “Fase heróica”, pois é atribuída a atividade turística, o papel de salvador da economia de países que buscavam crescimento econômico.

O período correspondente ao final da década de mil novecentos e setenta e toda a década de mil novecentos e oitenta, está sendo aqui interpretada como “Fase da perda”. Marcada pelas críticas oriundas do debate antropológico que acusava a atividade turística de prática predadora de culturas em decorrência da exotização de grupos culturais e colonialismo na forma interação, o até então denominados recursos naturais e culturais, passam a ser interpretados como bens que estão sob risco de perda. No âmago deste debate, a noção de patrimônio emerge, tendo em vista que os “recursos” são bens passíveis de finitude e não mais mercadorias. A *fase da perda* é suplantada pela “Fase da reparação”, na década de mil novecentos e noventa que sob o paradigma da sustentabilidade buscou modelos alternativos para a atividade turística e popularizou a narrativa assentada no entendimento de bens naturais e culturais enquanto patrimônio a ser sustentados pela atividade turística.

O início do século vinte e um evidencia uma fase de ampliação de estudos e reflexões produzidas em fóruns promovidos em perspectiva multidisciplinar e fortemente ocupado por bacharéis em Turismo. Essa fase aqui denominada “Fase de auto reflexão” revela o fortalecimento de um campo no sentido definido por Bourdieu (1983; 1989). Do ano dois mil e dez até o presente momento, a sociedade mundial está sendo atravessada por distintas questões que perpassam reivindicações no que tange o direito a memória, a diversidade de gênero, ao reposicionamento de grupos historicamente marginalizados, a reafirmação de identidades, a valorização de patrimônios até então não classificados como tal, entre outros aspectos que revelam a necessidade de reflexão acerca do papel social do Turismo. É nesse momento que retomo o colega Fernando Magalhães ao defender que o *turismo é uma oportunidade única de aprendizagens e de enriquecimento social e cultural* e assim sendo, as questões sociais do momento exigem desse “encontro de culturas”, contribuições tais como a conclamada por Magalhães em relação ao pós-pandemia, mas também nas mais variadas questões sociais.

O espaço aberto pela da Revista Iberoamericana de Turismo nos garante possibilidade concreta de verificar como estudos em Turismo tem contribuído para o pensamento acerca do atual momento. Ao longo de suas publicações temos encontrado em artigos aprovados sob fluxo contínuo e números especiais, uma gama de trabalhos onde o Turismo tem sido um dos elementos de explicação da vida social, pois na condição de fato social total, sua análise nos permite conhecer o funcionamento de grupos em sua interação com outros grupos, evidenciando assim, valores, significados atribuídos, posições sociais, disputas por bens e narrativas. Ao iluminar tais questões, esses estudos ampliam possibilidades nos debates sobre planejamento da atividade e conseqüentemente, sobre as possibilidades econômicas que daí decorrem; entretanto, estamos falando de um fenômeno cuja amplitude e ressonância produzem efeitos capazes de alterar a dinâmica social e, desta forma, implica em questões éticas e sobre os efeitos que se deseja obter. Em tal concepção, urge pensar sobre o papel social do turismo.

Há muito já conhecemos o papel pedagógico da atividade turística e, se em fases anteriores, esse papel foi direcionado para o viés econômico do fenômeno, cabe no atual momento repensá-lo e alocá-lo em um contexto definido no conceito *Turismo com base pedagógica* (OLIVEIRA; 2019) e de ações afirmativas voltadas para visibilidade de memórias subterrâneas, para o fortalecimento de narrativas não hegemônicas e valorização de patrimônios não elitizados. O papel social do turismo está sendo aqui defendido enquanto elemento de contribuição na produção de ações afirmativas em prol de uma sociedade plural, empática e norteadas por valores que atendam aos interesses coletivos.

Encerro a presente reflexão convidado a todas, todos e todes para a leitura deste número da Revista Iberoamericana de Turismo, destacando que os trabalhos aqui publicados refletem o compromisso da RITUR com o papel social do Turismo.

Referências

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: Ortiz, Renato (org.). **Coleção Grandes Cientistas Sociais**, n 39, Editora Ática, São Paulo, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989. 311 p.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify. 2003.

PEREIRO, Xerardo; FERNANDES, Felipa. Antropologia e Turismo: Teorias, métodos e praxis. **PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**. IV Colección PASOS Edita, 2018.

OLIVEIRA, Maria Amalia Silva Alves de. Turismo com base pedagógica. In: Maria Amália Silva Alves de Oliveira; Rodrigo Rosistolato. (Org.). **Espaços Sociais de Formação Educativa: turismo, casa, escola e cidade**. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2019, v. 1, p. 19-35.